



## A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA EM PESQUISA-AÇÃO E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS EM COMUNIDADES RURAIS E QUILOMBOLAS DO VALE DO JEQUITINHONHA

## THE CONTRIBUTION OF AGRARIAN GEOGRAPHY IN ACTION-RESEARCH AND THE ECOLOGICAL FOOD PRODUCTION IN RURAL AND QUILOMBOLA COMMUNITIES AT JEQUITINHONHA VALLEY

## LA CONTRIBUCIÓN DE GEOGRAFÍA AGRÍCOLA EN ACCIÓN Y LA INVESTIGACIÓN PARA LA PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS EN LAS COMUNIDADES RURALES QUILOMBOLAS EN EL JEQUITINHONHA VALLE

Lussandra Martins Gianasi  
Doutorado em Geografia - UFMG  
Professora do Universidade Federal de Minas Gerais  
[lussandrains@gmail.com](mailto:lussandrains@gmail.com)

Pedro Carvalho Costa  
Bolsita - Universidade Federal de Minas Gerais  
[pdcarvalhocosta@gmail.com](mailto:pdcarvalhocosta@gmail.com)

Maria Aparecida dos Santos Tubaldini  
Doutorado em Geografia pela UNESP/Rio Claro  
Professora da Universidade Federal de Minas Gerais  
[tubaldini1@uol.com.br](mailto:tubaldini1@uol.com.br)

**Resumo:** Esta pesquisa-ação<sup>1</sup> em geografia agrária teve interface com diálogo de agricultores e doação de sementes, bem como plantio em canteiros com túneis de sombrites. Foi desenvolvida de 2011 a 2013 em territórios de comunidades tradicionais quilombolas no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. Trata-se de local com secas prolongadas e clima semiárido. Objetivou a reintrodução de cultivos agroecológicos de legumes e verduras com a finalidade da melhoria de alimentação da população. Assim, buscou-se a manutenção de alimentos tradicionais nas comunidades, bem como a introdução de legumes e verduras do urbano – itens que a população tomou conhecimento pelo processo de migração para São Paulo. A linha teórica desta pesquisa-ação se baseia no desenvolvimento rural local sustentável e em práticas de manejos agroecológicos. A metodologia de organização do projeto se pautou em metodologias qualitativas e reuniões com membros da comunidade.

**Palavras chave:** agroecologia, alimentos, Vale do Jequitinhonha, extensão.

---

<sup>1</sup> Agências financiadoras:

**FAPEMIG:** Ações de capacitação para promover cidadania aos agricultores (as) familiares das comunidades tradicionais quilombolas e de Moça Santa e Misericórdia em Chapada do Norte – MG e artesãs de Minas Novas no Vale do Jequitinhonha.

**PROEXT-MEC:** Programa - Ações de capacitação para promover cidadania, armazenamento de água e ampliação da produção de alimentos para agricultores (as) familiares no Vale do Jequitinhonha - Quilombolas e artesãs(ãos).

**Abstract:** This research on agrarian geography interfaces with actions of various practice training of farmers and seed donation and planting in beds with tunnels of shadows. It developed from 2011 to 2013 in consecutive years in areas of traditional maroon communities in the Upper Jequitinhonha, Minas Gerais. It is a place with prolonged droughts characterized by semi-arid climate. She aimed the reintroduction of agroecological crops and vegetables for the purpose of improving power of the population, especially children. The specific objective was to introduce agroecology managements, these crops through a dialogue with the past practices of those communities. Thus, we sought to maintain traditional foods in communities focus of the action, as well as the introduction of new vegetables came to the urban way of life - items that people became aware of the migration process to Sao Paulo. The theoretical framework of this action research is based on local sustainable rural development and agroecological practices managements. The methodology of the project organization was based on qualitative methodologies and meetings with community members.

**Keywords:** agroecology, food, Jequitinhonha Valley, extension.

**Resumen:** Esta investigación en la geografía agraria tuvo interfaz con los agricultores y la donación de semillas y la siembra en camas con túneles sombrites. Ha sido desarrollado desde 2011 hasta 2013 en las zonas de las comunidades cimarronas tradicionales en el Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. Es local con clima seca prolongada y semi-áridas. El objetivo de la reintroducción de cultivos y hortalizas agroecológicas para el propósito de mejorar la alimentación de la población. Por lo tanto, hemos tratado de mantener los alimentos tradicionales en las comunidades, así como la introducción de los vehículos en las zonas urbanas - elementos que la gente se dio cuenta del proceso de migración a Sao Paulo. El marco teórico de esta investigación-acción se basa en el desarrollo rural sostenible local y prácticas gestiones agroecológicas. La metodología de la organización del proyecto se basó en metodologías cualitativas y reuniones con miembros de la comunidad.

**Palabras clave:** agroecología, comida, extensión rural, Valle de Jequitinhonha.

## INTRODUÇÃO

O Vale do Jequitinhonha é uma mesorregião demarcada pelos limites interfluviais da bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha, drenando porções do nordeste do Estado de Minas Gerais e sul do Estado da Bahia no Brasil. A mesorregião, e especificamente uma parcela dela, o Alto do Jequitinhonha, apresenta peculiaridades específicas no âmbito socioambiental, socioeconômico, cultural e paisagístico. Contudo, a combinação desses fatores dificulta a reprodução da exploração da agricultura camponesa, não oferecendo a estabilidade e recursos naturais – principalmente a água – necessários para essa atividade nas comunidades estudadas no Alto Jequitinhonha. Desta forma, os índices sociais e econômicos dessas comunidades apresentam características típicas de um baixo dinamismo econômico.

A manutenção e a reprodução da atividade camponesa são importantes para o equilíbrio e desenvolvimento regional, pois as atividades rurais ali realizadas, muitas vezes, se

revelam como as mais sustentáveis diante da configuração da geomorfologia local somadas às peculiaridades das comunidades. Além disso, reproduzem modos e saberes locais seculares, que resultam no legado de um capital social único e nas características que são somente encontradas nas comunidades do vale, e, em especial, nas comunidades estudadas nesse projeto-ação. Contraditoriamente e ao mesmo tempo apresenta estreita relação com a agricultura capitalista, por meio da migração. Essa relação cria a desterritorialização dos camponeses (HAESBAERT, 2004), pois a vinculação com o sistema patronal, mesmo trabalhando sazonalmente, produz nos camponeses uma analogia simples - o balanço entre viver numa situação de deficiências em sua própria terra (produtiva e de consumo) e o do assalariamento, que muitas vezes é interpretado como benesses. Estar no urbano também cria possibilidades de trabalhos não ligados ao rural, como domésticas, faxineiras-horistas, pedreiros, vendedores, etc. Esses fatores acabam por atrair os camponeses para outros estados e a se desvincularem do rural sem possibilidades de fixação.



Figura 1 e 2: Eucalipto nas bordas da chapada visto das grotas e das varandas das casas dos camponeses.

Fonte: COSTA, P. C. 2011.

Vários traços deste fenômeno que desterritorializa o camponês podem ser identificados nessas comunidades rurais, porém, a forma mais visível, e talvez, a mais impactante exercida sobre a sobrevivência-reprodução da vida camponesa no Alto Jequitinhonha, seja realmente as migrações. Apesar desse fenômeno fazer parte do cotidiano dos lavradores por pelo menos cem anos (Ricardo, 1996 citado por Galizoni, 2000), acontecimentos do passado recente do Vale tem agravado esta situação. A começar pelo



ambicioso projeto do Governo militar na década de 1970 - a crescente indústria siderúrgica exigiu do Estado estratégias para a criação de distritos florestais para a produção de carvão (FIG. 1 e 2).

O Vale do Jequitinhonha se tornou vítima desde projeto quando o Instituto Estadual de Florestas (IEF) mapeou as regiões com maior aptidão para exercer esta função de fornecedora de matérias-primas (IEF, 1975 citado por CALIXTO & RIBEIRO, 2007). As pesquisas pelas regiões mais aptas não buscavam apenas melhores condições agrônomas, como clima e solo, mas áreas que pudessem ser ocupadas e exploradas por empresas através de concessões dadas pelo governo sem grandes custos para ambas as partes.

Como já citado, o Alto do Jequitinhonha possui características próprias, uma delas é o fenômeno do *complexo grotachapada*, descritos por Graziano e Graziano Neto (1983), que se baseia numa forte interligação entre homem e natureza. Os fortes contrastes paisagísticos, que vão das íngremes grotas até as planas chapadas, citados por Calixto e Ribeiro (2007), eram explorados pelos camponeses de forma a respeitar a sustentabilidade geomorfológica e hídrica, preservando os recursos naturais. Se, por entre as grotas – áreas rebaixadas com vertentes íngremes que formam vales encaixados – os agricultores mantinham a vida doméstica, próximos de fontes hídricas, onde plantavam pequenas lavouras de cereais e produziam alimentos em hortas; nas chapadas – vastas áreas elevadas e planas com bordas em formato tabular – reproduziam a atividade extrativista, de frutos nativos e ervas medicinais, retiravam madeira e o mais importante, privilegiavam a coletividades destas terras para a atividade pecuária em suas pastagens naturais, respeitando acima de tudo, os mananciais d'água.

Se para os camponeses, os topos de chapadas eram de apropriação coletiva, ou no dizer local: seria “a própria natureza, não é de ninguém” (GRAZIANO E GRAZIANO NETO, 1983), para o Governo, a ausência demarcações informais e tão pouco formais de propriedade, foi a lógica para considerá-la como terras devolutas. Assim, logo as terras que eram concedidas às empresas de reflorestamento, transformavam a paisagem pela retirada da vegetação e introdução de espécies não nativas para atender as siderurgias e as empresas de celulose.

Pela argumentação do governo, para justificar essa produção de madeira para as grandes empresas, informavam que haveria assim o incremento da renda e do emprego, através do incentivo, da coordenação e do planejamento para melhor aproveitamento da área (IEF, 1975 citado por CALIXTO & RIBEIRO, 2007). Neste mesmo estudo, após ouvir e

analisar as diversas opiniões sobre líderes comunitários; representante das empresas de reflorestamento; e políticos locais, os autores concluíram que a geração de empregos não pode ser negada, entretanto, os números [de empregos gerados] mostram ser bem tímidos se comparado à agricultura familiar e também são em maior número no início da derrubada das espécies nativas e declina no momento da manutenção da plantação e aumenta no corte, geralmente com trabalhadores temporários.

Todos esses estudos e análises sobre a região estudada possibilitam o exercício de uma análise geográfica pelo profissional da geografia e, nesse projeto em especial, em agrária. Dessa forma, as habilidades exercidas por esse profissional são imprescindíveis para compreender a dinâmica das transformações na paisagem, procurar e realizar propostas e soluções e mitigar problemas. A análise da ação do governo, 40 anos depois de sua implantação, subsidia o profissional na avaliação dos variados aspectos e revela que os impactos gerados superam qualquer benefício à região.

Os impactos gerados pela invasão e reprodução das monoculturas de eucalipto afetam principalmente a dinâmica socioambiental, desequilibrando o sistema secular, e agravando os obstáculos para o desenvolvimento regional sustentável. As comunidades camponesas, que antes apresentavam resiliência às oscilações climáticas – entre outros fenômenos que poderiam comprometer a safra anual dos grupos domésticos – agora passaram a enfrentar maiores transformações socioambientais que colocam em risco a reprodução destas atividades. Como já dito, os principais efeitos conferidos por estes impactos é o aumento do fluxo migratório, que por vezes, são definitivos para estados vizinhos. E como resultado os que ficam nas comunidades em sua maioria são mulheres, muitas idosas e ou grávidas, que culturalmente proliferam a cultura e a produção agrícola na época dessa migração.

Atentos a preocupante situação, equipe de pesquisadores, dentre eles professores e estudantes do curso de Geografia do IGC-UFMG, se dedicam aos estudos dessas comunidades tradicionais rurais do Alto do Jequitinhonha (COSTA *et al.* 2012) e à realização de ações para auxiliar agricultores a promover o desenvolvimento rural sustentável como forma de resistência aos impactos gerados pela invasão da silvicultura e das condições geográficas da região que se agravam, principalmente a escassez d'água.

## **OBJETIVO**

O objetivo deste trabalho foi, por parte da pesquisa, o de, através dos conhecimentos e das habilidades de análise geográfica, compreender as transformações das dinâmicas



socioambiental e econômica no Alto Jequitinhonha. De posse dessas análises, propor e realizar ações de extensão para o desenvolvimento rural nas Comunidades Quilombolas de Moça Santa e Misericórdia, município de Chapada do Norte e a Comunidade Artesã de Coqueiro Campo, município de Minas Novas, estado de Minas Gerais. Para isto, foi necessário promover e incentivar a reintrodução de cultivos agroecológicos de legumes e verduras com a finalidade de melhoria de alimentação da população.

## **METODOLOGIA**

O Alto Jequitinhonha é marcado por contrastes e complexa dinâmica cultural e agrícola. Para a compreensão dos fenômenos decorrentes de eventos históricos se fez essencial a revisão bibliográfica sobre os fatores mais recentes. Não se poderia optar por somente trabalhos de caráter geográficos, uma vez que a complexidade da região demanda estudos de diferentes áreas científicas.

Na prática, para o estudo do recorte territorial desta pesquisa-ação, a opção metodológica adequada para alcançar os objetivos propostos foi a do Diagnóstico Rural Participativo – DRP (CARVALHO & SOUZA, 2009). Intrínseco à pesquisa participativa, o DRP permite diálogo entre o pesquisador e o pesquisado, de modo que ambos participem da criação de propostas e de soluções (VERDEJO, 2006; RAMIRES & PESSÔA, 2009). No contexto do recorte territorial, dialogar com os moradores permitiu o entendimento das transformações da paisagem e facilitou a elaboração de diversas possibilidades, entre elas, a de incrementar as ações de extensão a partir das interferências positivas dos agentes sociais nas comunidades locais.

O embasamento teórico para as técnicas agroecológicas se dividiu entre as leituras de Altieri (1989) e de outros autores relacionados na bibliografia e relatos dos agricultores locais.

O levantamento de dados dos agricultores em escala de amostragem por agricultor participante na pesquisa-ação, conforme o tamanho do grupo de interesse, foi promovido pela aplicação de questionários com as entrevistas semi-estruturadas. Foram aplicados no início do projeto 42 questionários e nas avaliações 39, todos em 2011 e 2012. Os questionários possuíam características de levantamento de dados quantitativos e cadastramento dos entrevistados. As entrevistas semi-estruturadas, por sua vez, buscaram informações relacionadas às condições socioambientais, aos manejos e as principais dificuldades na produção de alimentos nos agroecossistemas locais, entre outras questões que auxiliaram o

entendimento dos fatores limitantes ao desenvolvimento e reprodução da agricultura familiar e camponesa, tais como os relatos históricos.

Os dados coletados em campo de uma amostra de 39 pessoas (62,5% de Moça Santa, 25% de Coqueiro Campo e 12,5% de Misericórdia) e tabulados deram base para elaboração do perfil das comunidades inseridas no recorte territorial de estudo. A metodologia da pesquisa participante juntamente com as habilidades da *imaginação sociológica*, propostas pelo sociólogo Wright Mills<sup>2</sup>, permitiram a compreensão da realidade das comunidades rurais em sua dinâmica de atividades cotidianas e sazonais e os desafios corriqueiros dos agricultores para produção de alimentos e reprodução socioeconômica, como também auxiliaram no acompanhamento do comportamento dos agricultores durante o desenvolvimento das atividades propostas na etapa de ação.

Em cinco trabalhos de campo em intervalos mensais, puderam-se analisar os contrastes paisagísticos da região; reconhecer as comunidades estudadas, bem como as culturas plantadas, principalmente as hortaliças; reunir com os integrantes interessados das comunidades; propor soluções específicas para problemas corriqueiros no âmbito de manejos agrícolas e implantar canteiros agroecológicos. Foram registrados os resultados obtidos em momentos-chave por meio de entrevistas semi-estruturadas, questionários e fotografias. Por fim, efetuaram-se as análises dos questionários das famílias que permaneceram no projeto.

## A AÇÃO

Fomentando a metodologia participativa, após o período de pesquisa, os pesquisadores programaram realizar diálogos entre os grupos de interesse nas comunidades, para assim iniciar o que Verdejo (2006) vem chamar de *segunda fase de diagnóstico*, o que seria a etapa indicada para “aprofundar as limitações identificadas e procurar soluções” (VERDEJO, 2006).

Desta forma, foram organizadas reuniões em pontos centrais nas comunidades de estudo para um contato mais próximo entre o pesquisador e os agricultores. Nestas reuniões, é incentivado, pela parte dos pesquisadores, o debate entre todos os presentes a respeito das práticas agrícolas em todo o processo de produção. É uma oportunidade para os agricultores relatarem quais são as culturas cultivadas, as dificuldades de manutenção dos plantios, as formas de combate às pragas, o gerenciamento do uso da água, a preparação do solo, a

<sup>2</sup> Para melhor discussão sobre a habilidade da Imagem Sociológica ver: MILLS, C. Wright. A promessa. In: **A Imagem Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.



destinação da produção, entre outros. Neste momento, os pesquisadores prestam o auxílio de moderar e organizar o diálogo, para que seja possível a troca de informações entre os agricultores de modo eficaz. Para os pesquisadores é o momento para registrar estas informações e analisar o funcionamento do sistema produtivo da comunidade. Após um estudo mais aprofundado de todos os registros coletados no levantamento de dados e nos diálogos incentivados nas reuniões, é possível esboçar o nível em que estes agricultores, de modo hipotético, se encontram no desenvolvimento e utilização de manejos agroecológicos. Esta prática corrobora com os fundamentos da pesquisa participativa e os princípios da Agroecologia (COSTA & GIANASI, 2011) quando há a integração do conhecimento acadêmico e do conhecimento local (BUAINAIN, 2006).

Após esta primeira etapa da segunda fase de diagnóstico, os pesquisadores, através de várias análises dos dados registrados e realização de visitas às unidades de produção presentes nos agroecossistemas das comunidades, propuseram atividades estratégicas para: minimizar os efeitos da escassez d'água como limitante da produção de hortaliças; fortalecer o plantio com a produção e uso de adubo orgânico para melhor nutrição; realizar semeaduras em bandejas para controle e proteção das mudas em desenvolvimento; instalar túneis estruturados em bambu taquara – da espécie disponível no local, para evitar o ataque de passados e, também, sugerir modelos de agroecossistemas biodinâmicos, acrescidos pela sinergia gerada na consorciação de culturas.

Conferido o desperdício de estrume de gado e de biomassa gerada em capinas na propriedade, foram realizadas oficinas de compostagem, apresentado aos agricultores o processo que transforma o esterco e folhas verdes em adubo orgânico indicado para o plantio de hortaliças em todas as comunidades. Devido ao seu ciclo relativamente curto, as hortaliças necessitam de maior disponibilidade de nutrientes por hectare se comparada com outros tipos de cultura. Na mesma oportunidade da oficina, foram distribuídas<sup>3</sup> bandejas próprias para produção de mudas.

Para melhor controle e desenvolvimento de mudas de hortaliças, os agricultores disponibilizam de bandejas onde podem plantar verduras – o tipo mais adequado – entre outras hortaliças que necessitem de maiores cuidados enquanto fase de muda. Desde modo, a relação de plantio e perda se torna mais viável e produtivo.

Conferidas a distribuição e disponibilidade nos agroecossistemas das comunidades, outra oficina objetivou construir túneis de sombrite estruturado em varas de taquara, apoiados

---

<sup>3</sup> O Projeto de pesquisa pelo qual este trabalho foi viabilizado dispunha de verbas para compra e doação de bandejas de semeadura, material para construção do túnel e também para sementes diversas.



e amarrados em arame liso, fixados em esteios. Por fim, o resultado é uma estrutura de 7x1 metros, semelhante a estufas, porém sustentada principalmente por matérias de baixo custo – alguns provindos do próprio agroecossistema local.

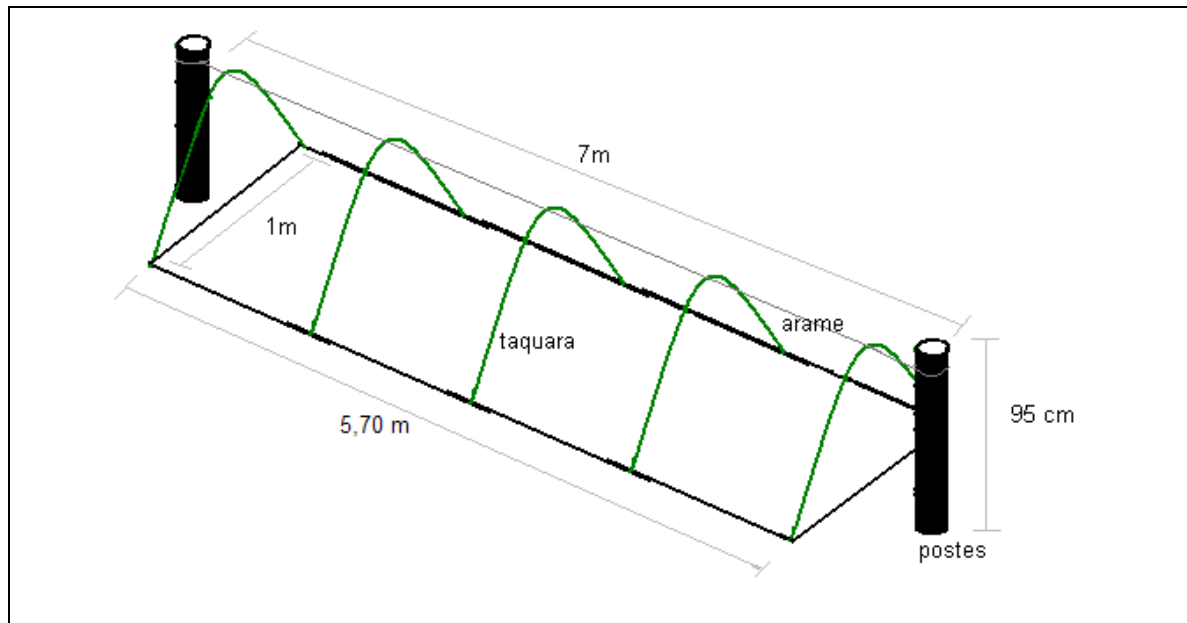


Figura 3: Esboço da estrutura do túnel (sem sombrite) construído nas oficinas ministradas pela professora Doutora Maria Aparecida dos Santos Tubaldini.  
 FONTE: COSTA, P. C, 2012.

Estes túneis (FIG. 3) trazem diversas vantagens para a produção de hortaliças. A radiação solar é reduzida pelo sombrite, reduzindo o intenso grau de evapotranspiração. Além disto, a parte da umidade permanece no interior da estrutura, originando, mesmo que em quantidade mínima, a reciclagem da irrigação. Visto como obstáculo para produção de verduras, o sombrite também evita a ação dos pássaros e parasitas, que se alimentam das mudas em desenvolvimento. Salienta-se que os agricultores mais atentos já modificaram esse sistema inicialmente imaginado para a área para um que melhor atendesse as necessidades deles. Assim, corrigiram a altura do sombrite, para poderem melhor se deslocar dentro dele, os tipos de materiais que formam o sombrite, bem como criaram outros a partir dessas ideias. Assim percebemos que há uma transformação necessária que nos mostra a interação deles com o que foi proposto, ou seja, os produtos são repensados para o local, para a lógica de trabalho e a produção desses agricultores.

Em busca de enriquecer a biodinâmica dos agroecossistemas, foi sugerido também o plantio consorciado de hortaliças nos novos canteiros implantados. A inserção de plantas aromáticas e flores nos arredores do canteiro foram incentivadas através da distribuição de



sementes. Entre estas, foram também distribuídas sementes de diferentes qualidades de verduras, legumes e temperos contribuindo para o aumento da *agrobiodiversidade*<sup>4</sup>.

Todas estas ações foram executadas nas três comunidades em etapas distribuídas mensalmente. Na perspectiva da análise, de cada uma das comunidades, é possível perceber o comprometimento dos agricultores em relação às atividades propostas através do acompanhamento por entrevistas semi-estruturadas realizadas em momentos-chave.

## **CULTURA E GÊNERO: A MULHER COMO MANTEDORA DA UNIDADE SOCIAL RURAL E DAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS**

Na maioria das comunidades remanescentes de quilombos, a estrutura estabelecida nas unidades familiares é uma sociedade patriarcal, onde o trabalho é hierarquizado e os papéis empregados pelos homens, pelas mulheres, crianças e velhos são bem diferenciados e definidos, tanto dentro do lar, quanto em comunidade. Os comportamentos dos homens e das mulheres são diferenciados graças à visão da cultura dominante local de determinação de papéis, os quais são vistos nas representações e comportamentos de homens e mulheres (SANTOS, 2002, citado em SILVA & SCHNEIDER, 2010). Essas diferenças são construídas pela “noção de gênero” de cada cultura, sendo formada e reformada pela sociedade em que está inserida.

Assim no meio rural, a agricultura é vista como mantedora da união social do grupo e da família, sendo a principal base econômica da comunidade camponesa, normalmente cabendo ao homem a sua manutenção e liderança.

Em sociedades patriarcais, a distribuição social do trabalho normalmente está engajada na força física, assim o homem assume o papel de provedor do lar, devendo ser o produtor de bens, devendo lavrar, cortar lenha, derrubar árvores, fazer cerca, entre outras atividades. Sendo assim, ser homem é passar a ser sinônimo de força, poder, autoridade, segurança e inteligência racional.

Enquanto a mulher, que é normalmente ligada às características biológicas e sexuais, é vista como um ser reprodutor, no qual o espaço domiciliar é o seu ambiente, assim deve trabalhar na casa e nas atividades rotineiras agrícolas próximas a casa. Sendo identificada pelas suas relações de parentesco como: filha, irmã, esposa, mãe e viúva. Cabe a mulher os adjetivos de bondosa, cuidadosa, calma, calada, servil e emocional. Mesmo o seu trabalho na

---

<sup>4</sup> Para melhor discussão sobre o conceito e complexidade de agrobiodiversidade, ver: SANTILLI, Juliana. Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores. – São Paulo: Petrópolis, 2009.

lavouira é reconhecido como “leve”, muitas vezes visto como complementar ao do homem, que é considerado “pesado”, caracterizado como “ajuda”, de forma que perde valor em relação ao trabalho masculino.

Na realidade, o pensamento dominante afirma que nas atividades em que se envolvem todos os membros da família, como o trabalho na roça e o cuidado dos animais, a participação das mulheres e das crianças figura como uma ajuda, e por isso não precisam ser remuneradas (DANTAS & MONTEIRO, 2003, p. 26).

Portanto, é a posição que o trabalho ocupa dentro da hierarquia familiar que determina se ele é “leve” ou “pesado”, os trabalhos que não são renumerados dentro da família, normalmente são considerados “leves”. Devo destacar que o caráter “pesado” ou “leve” é culturalmente determinado por cada comunidade.

Por muito tempo a visão do trabalho feminino como complementar ao do masculino era inclusive encontrada em lei, que impunha ao homem como provedor e responsável pela família, sendo indicado como o proprietário das terras, e o único que poderia obter a previdência social. Assim, são negados os direitos previdenciários femininos, abdicando-as da sua identidade de trabalhadora, social e/ou legalmente constituída. Em casos extremos, quando a mulher se casa, passa a fazer parte da família do marido, assim ela perde o direito de receber a herança de sua família original.

A hierarquia encontrada no campo nas relações de gênero provém da falta de reconhecimento do trabalho feminino, já que o trabalho das mulheres na maioria das vezes não é remunerado. A falta da renumeração deixa “invisível” a importância do trabalho feminino. Os trabalhos femininos além de serem diversificados durante o dia possuem jornadas longas e com tempos de realização diferenciados (BRUMER, 2001/2004; SILVA, 1987; DARON, 2003). Se levarmos em consideração somente o tempo gasto por elas nas suas atividades domésticas, tempo dedicado aos filhos e filhas, com a casa, com a alimentação de toda a família, em média são gastos 14 horas diárias (DANTAS & MONTEIRO, 2003).

A mulher ficou limitada ao círculo familiar, onde, culturalmente, o seu espaço é o privado, enquanto o homem é visto no espaço público. Isso se justifica já que na maioria das comunidades tradicionais uma grande parte da vida adulta feminina se centra na geração e criação dos filhos, socialmente a mulher é ligada ao lar (SILVA & SCHNEIDER, 2010). Assim cabe a mulher, a manutenção dos hábitos da comunidade, ensinar as crianças os primeiros costumes sociais e as tradições, a reconhecer o que são, quais são as diferenças entre homens e mulheres.



Em algumas sociedades rurais cabe à mulher manter a unidade da comunidade, como as de estudo, em detrimento do hábito cultural da migração sazonal por grande parte dos homens, que migram para outras regiões agrícolas para vender a sua força de trabalho com o objetivo de complementar a renda familiar anual. Vale ressaltar que nessas comunidades elas também migram, mas em sua maioria são as jovens que o fazem. O trabalho obtido com a migração sazonal é a principal fonte financeira da maioria das famílias rurais, a regularidade desse trabalho evita a necessidade de uma migração definitiva para novas áreas agrícolas ou para centros urbanos. Habitualmente esses trabalhadores se deslocam em direção às safras agrícolas e são obrigados a passar vários meses longe das famílias, onde o trabalho é realizado em condições extremamente precárias, mas já temos notícias de empresas que satisfazem as leis do trabalho e as adéquam às exigências necessárias para receber esse público migrante.

Entretanto, o trabalho feminino sempre teve múltiplas ocupações, não se restringindo a criação dos filhos dentro do lar. A mulher além de cuidar dos filhos, dos cultivos e das criações, sempre foi pluriativa dentro do próprio lar, produzindo quitandas e trabalhando com artesanato (de barro, de palha, de madeira, entre outros materiais).

É no esforço de construir possibilidades para a autonomia social, econômica e política, que as mulheres exercem papel fundamental no contexto da produção familiar, elas assumem o papel de pluriativa, estendendo a sua jornada de trabalho, a fim de incrementar nos rendimentos familiares, através de trabalho em atividades industriais ou agregando valor aos produtos agrícolas, a partir da elaboração de doces caseiros, artesanatos, etc. Ainda, pode-se mencionar o artesanato doméstico e a dedicação ao pequeno comércio que se localiza junto à unidade produtiva. Nesse contexto, as atividades de horta agroecológica nessas comunidades aliou o poder da pluriatividade da mulher com a vontade de, a partir dessa horta, criar oportunidades comerciais, por exemplo. Algumas mulheres, inclusive, por iniciativa própria, e antes da inserção dessa etapa que é parte de um novo projeto de 2014, já fazem parte do programa de compra direta do governo como os de inclusão produtiva econômica com base em sistemas sustentáveis e em mercados institucionais (Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)).

Nas últimas décadas, a pluriatividade feminina tem se ampliado no campo, como foi enfatizado por Silva & Schneider (2010, p. 187-188) demonstrando que “a partir de 1970, na América Latina, a diversificação de estratégias de sustento tem sido uma das tendências dominantes no meio rural, aumentando a participação econômica das mulheres e sua inserção em atividades não-agrícolas”.

Com a pluriatividade, a mulher deixa aos poucos o espaço privado, doméstico - sem abandoná-lo completamente – avançando gradativamente para o espaço público, antes designado para o homem, a fim de ampliar seu papel social na comunidade. Um processo de mudança que pode inclusive alterar a “noção de gênero” de sua sociedade. A pluriatividade para as mulheres é uma forma de se afirmarem como trabalhadoras, de se valorizarem, até mesmo podendo possibilitar a sua independência. A mulher passa a ser vista como trabalhadora e todo seu trabalho é valorizado, inclusive suas atividades domésticas passam a ser vistas como trabalho.

Um elemento importante nessa tomada de consciência é o acesso a documentos pessoais indispensáveis ao contrato de trabalho formal. A posse desses documentos coloca a mulher no nível de exigência da cidadania e da igualdade, fazendo-a perceber o seu pertencimento à sociedade dos direitos e deveres, que a condição de dona de casa sempre lhe omitiu. Com seus documentos pessoais, a mulher pode se desvincular de sua posição de complemento do homem ou de representada por ele, aprender a se comportar como ser humano possuidor de identidade própria e se libertar da sombra masculina. (FISCHER, 2002a, p. 2)

O novo papel que a mulher assume pode ser visto como uma desvantagem, já que na interseção entre o público e o privado no qual a mulher está inserida, nenhum dos lados é abandonado, os homens continuam ausentes na divisão das tarefas domésticas. A igualdade conseguida pela mulher na maioria das vezes não adentra a esfera privada, a mulher mesmo agindo no espaço público, continua a realizar suas tarefas no espaço privado, nas atividades da casa, no preparo do alimento, no cuidado dos filhos e sua educação informal, no cuidado dos velhos da família, da saúde dos familiares, entre outras atividades. A mulher aumenta as suas múltiplas jornadas de trabalho, só que agora nos dois ambientes, o privado e o público.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Além da maior quantidade de alimentos percebemos maior agrobiodiversidade nas hortas implantadas. Certas culturas antes dadas como impossíveis para região, efetivamente foram cultivadas, o que possibilitou a alimentação com produtos diversificados. Tais como rúcula, brócolis, variedades de tomates e de abóboras, almeirão, e outras. Algumas se destacam por serem novidades para estes produtores. Portanto, registrou-se mudança na alimentação para mais de 80% dos agricultores do projeto.



Em Misericórdia resolveram implantar mais canteiros e atender a toda a comunidade em conjunto, ou seja, vários canteiros para todas as famílias (FIG. 4). Diferente do que ocorre nas outras duas comunidades, onde as hortas estão nos quintais particulares de cada família.



Figura 4: Produção de hortaliças comunitária em Misericórdia.

Fonte: COSTA, P. C. 2011.

Como forma de enriquecer a biodinâmica dos agroecossistemas, foi sugerido também o plantio consorciado de hortaliças nos novos canteiros implantados. A inserção de plantas aromáticas e flores nos arredores do canteiro foram incentivadas através da distribuição de sementes. Entre estas, foram também distribuídas sementes de diferentes qualidades de verduras, legumes e temperos contribuindo para o aumento da agrobiodiversidade.

Na maioria dos túneis implantados (FIG. 5 e 6) ocorreu algum tipo de invasão de insetos indesejados (FIG. 7 e 8). Entretanto, a quantidade de agricultores que utilizou defensivo natural é igual. O uso de defensivos naturais é um princípio importante da agroecologia por dois motivos: o primeiro é o combate de doenças e pragas sem a utilização de insumos químicos nos cultivos; o segundo é a estimulação do *conhecimento local* e da criação de novas receitas.



Figura 5 e 6: Produção de hortaliças facilitada pelo túnel.  
Fonte: COSTA, P. C. 2011.



Figura 7 e 8: Pragas na couve e no quiabo.  
Fonte: COSTA, P. C. 2011.

Mesmo em condições de estiagem prolongada e da baixa produtividade nos canteiros, quase 70% dos agricultores estão produzindo adubo orgânico e mais de 80% considera o produto final do processo de compostagem eficaz. Estes mesmo agricultores que perceberam as vantagens do uso deste substrato na produção de alimentos afirmam que farão compostagem futuramente. Consideramos este cenário como a aprovação dos agricultores pelas atividades propostas.

Apenas a semeadura em bandejas não obteve bons resultados no início de sua implantação junto aos agricultores. O substrato adotado para esta atividade não favoreceu a germinação das sementes. Entendemos que a quantidade de terra local, areia, munha (carvão triturado) e adubo orgânico não estavam em proporção adequada para a germinação. Para isto, na mesma oportunidade da aplicação dos questionários, orientamos os participantes a retirar a



areia do substrato e aumentar a proporção de adubo orgânico. No entanto, ainda não temos resultados desta sugestão, a qual será avaliada em nova visita de monitoramento de resultados.

## CONCLUSÕES

A contribuição da geografia agrária em projetos que envolvem tanto pesquisa teórica e empírica quanto ação é ainda um desafio aos pesquisadores. Principalmente quando o território da pesquisa é distante da cidade da universidade e o objetivo da ação é plantio em comunidades rurais e capacitação de agricultores. Pois, há dependência do clima (chuva e seca) e de fatores independentes do controle do projeto pelo pesquisador, como a migração. Outras questões como o acúmulo de atividades tanto acadêmicas quanto de cunho pessoal em alguns momentos inviabilizam certas ações em partes do ano criando a necessidade de estratégias novas para cobrir todo o projeto. Gerenciar atividades de campo, com aulas e alunos bolsistas (horário, data de campo e atividades em campo que economizem tempo e dinheiro) e, por vezes, financeiras ainda são tarefas árduas para professores pesquisadores que precisam conciliar o tempo da universidade com o tempo dos projetos.

No entanto, do ponto de vista da formação pedagógica e humana em geografia agrária não há melhor laboratório. Esses projetos propiciam capacitação para nossos alunos e bolsistas, além de voluntários de outras universidades. Ao participar ativamente das pesquisas e ações, aprendem como se organiza um campo, como se preparam suas atividades e como efetivamente lidam com as expectativas das comunidades e com as ações que lá se ampararam.

Sobre a produção de alimentos agroecológicos em comunidades camponesas, e, em especial ao incremento da alimentação na comunidade, é fato que a segurança alimentar, vista pela via da agroecologia, é uma possibilidade eficiente, barata e que necessita de maior articulação entre saberes das comunidades e órgãos de ação locais em consonância com a universidade.

Metodologias com base em oficinas conduziram o entendimento do teórico/prático dos princípios da agroecologia (COSTA; GIANASI, 2011), da fertilização e do uso de biodefensivo. A organização da base de fertilização com “compostagens”, a construção dos canteiros com sombrites, a formação de mudas de legumes e folhas e o plantio delas consistiu na segunda parte da metodologia. Princípios agroecológicos de diversidade, de uso de plantas amigas e controle de pragas foram sendo adotadas na sequência do projeto. O número de famílias que entraram no projeto ampliou no momento das chuvas de 19 para 36 e a adaptação



do paladar das crianças e dos adultos aos novos alimentos, em um ano de projeto, permitiu definir novas escolhas e/ou manutenção das sementes. Os resultados evidenciados em 3 anos levaram a equipe de pesquisa-ação, em interação com a comunidade, a almejar novos desafios: pleitear a construção de caixas de 52.000 litros de água de chuva para alguns agricultores que mantiveram o cultivo durante 3 anos e que, sobretudo, tiveram excedente pequeno já colocado no mercado local. Novas expectativas estão sendo colocadas e almejadas pelos atores da pesquisa-ação e oficinas de biodefensivos novos foram ministradas, bem como avaliação da qualidade do projeto.

Homens e mulheres foram importantes para o andamento da pesquisa, mas a pluriatividade da mulher e a garra em manter as hortas para alimentar bem as famílias, possibilitou, em alguns casos entrarem em programas de compra direta do governo. Graças a muitas mulheres por permanecerem mais na comunidade e não migrarem, efetivamente possibilitaram a manutenção do projeto e das ações implantadas, alavancando o projeto a resultados importantes. Muitas vezes os homens começam e as mulheres mantêm o desempenho das hortas, mesmo com as adversidades do clima semiárido. Elas muitas vezes criam novidades e resolvem problemas com soluções de adaptação dos sombrites à sua realidade. São inventivas e querem seu espaço econômico, além é claro de manter a cultura, através da música, dos ensinamentos e dos cuidados com os filhos.

## BIBLIOGRAFIA

ALTIERI, M. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

BRUMER, A. Gênero e Previdência Social Rural no Sul do Brasil. In: **XXIII Congresso da ALAS**, 2001, Guatemala. ALAS - Associação Latino-Americana de Sociologia, 2001. p. 87-87.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate**. Brasília: IICA, 2006.

CALIXTO, J. S; RIBEIRO, A. E. **Três olhares sobre o reflorestamento**: a percepção de atores sociais sobre a monocultura de eucalipto no Alto Jequitinhonha. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras/MG, v.9, n.3, 2007.

CARVALHO, N. D; SOUZA, M. M. O. **Geografia e pesquisa quantitativa**: nas trilhas da investigação. Org: Júlio César de Lima Ramires; Vera Lúcia Salazar Pessoa. – Uberlândia: Assis, 2009.

COSTA, P. C; GIANASI, L. M. **Estudo de Agroecossistemas Agrocológicos no Semi-árido Mineiro**: as ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo como método de



investigação. Resumos do VII Congresso de Agroecologia. Cadernos de Agroecologia. Vol. 6, No. 2. Fortaleza: 2011.

COSTA, P. C; GIANASI, L. M.; TUBALDINI, M. A. S. Canteiros Agroecológicos em Comunidades Rurais Quilombolas e Artesãs do Vale do Jequitinhonha-MG: melhoria da qualidade de vida, da soberania alimentar e manutenção de princípios de sustentabilidade. In: Encontro Nacional De Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. **Anais...** 2012.

DANTAS, Conceição; MONTEIRO, Janete. Relações de gênero no semi-árido: diagnostico do território de Apodi. In: **Caderno 8 de março**, n.6, Mossoró – RN, 2003.

DARON, Vanderléia Laodete Pulga. **Educação, Cultura Popular e Saúde**: Experiência de mulheres trabalhadoras rurais. 2003. Mestrado (em Educação). Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2003.

FISCHER, Izaura Rufino. A participação da mulher no orçamento familiar. In: FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco. **Trabalhos para discussão**, n. 133, abr. 2002a.

FISCHER, Izaura Rufino; MARQUES, Fernanda. Gênero e exclusão social. In: FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco. **Trabalhos para discussão**, n. 133, abr. 2002b.

GALIZONI, F. M. **Migrações e redes familiares no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais**. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 11., 2000, *Caxambu*. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2000.

GRAZIANO, E; GRAZIANO NETO, F. **A arte de viver na terra**: as condições de reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. *Perspectivas*, São Paulo. v.6, n. 85-100, 1983.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: “do fim dos territórios” à multiterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

RAMIRES. J. C; PESSÔA, V. L. N. **Geografia e pesquisa quantitativa**: nas trilhas da investigação. Org: Júlio César de Lima Ramires; Vera Lúcia Salazar Pessôa. – Uberlândia: Assis, 2009.

SILVA, Carolina Braz de Castilho e; SCHNEIDER, Sergio. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide; MENEZES, Marilda (Org.) **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Florianópolis/SC, Ed. Mulheres, 2010, pg. 183-207.

SILVA, Léa Melo da. Mulher e Cultura. In: SILVA, Léa Melo da. (Coord.) **A mulher e a Cultura**. Belo Horizonte: UFMG/Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre a Mulher, 1987.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**: Um guia prático. Secretaria da Agricultura Familiar – MDA. “Documento original elaborado pelo Centro Cultural Poveda”. Gráfica da Ascar – Emater – Rs. Brasília: 2006.

Recebido em maio de 2014  
Aprovado em agosto de 2014